

*A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*  
de Eduardo Viveiros de Castro  
Cosac & Naify, São Paulo, 2002  
552 p.

**Eduardo Viveiros de Castro lança em livro os ensaios que o tornaram “fundador de uma nova escola antropológica”, segundo Claude Lévi-Strauss.**

O antropólogo carioca Eduardo Viveiros de Castro reúne, nessa coletânea, nove ensaios e uma entrevista – todos eles (com exceção do último ensaio) publicados ao longo dos últimos vinte e cinco anos e agora apresentados em versão revista e ampliada. Esse livro deverá ser motivo de comemoração no meio não apenas antropológico, mas também das ciências humanas em geral, já que Viveiros de Castro é um dos principais expoentes de uma geração de intelectuais que faz dialogar a filosofia ocidental (moderna e contemporânea) com outros sistemas de pensamento. No caso, o foco é dirigido ao pensamento dos povos indígenas da América do Sul, povos estudados pelo autor tanto em suas experiências de pesquisa de campo como em suas incursões bibliográficas e comparativas. No Prólogo da coletânea, Viveiros de Castro revela o seu objetivo de reconstituir a "imaginação conceitual indígena nos termos da nossa própria imaginação". Noutras palavras, ele pretende demonstrar que é possível compreender os mecanismos de operação de um outro pensamento valendo-se de um instrumental conceitual próprio às ciências humanas, como foram cunhadas no mundo acadêmico moderno. A questão que emerge, porém, é que ao tomarmos conhecimento desse outro pensamento estaremos, necessariamente, transformando o nosso. Eis o desafio que oferece a leitura dessas 551 páginas. Outro objetivo anunciado no Prólogo é o de elaborar uma "teoria amazônica do virtual" – tarefa, confessa o autor, que será levada a cabo com mais fôlego em seu próximo livro, ainda em fase de preparação. Essa empreitada significa pensar não apenas como os indígenas pensam o mundo em que vivem, mas sobretudo como eles pensam as possibilidades pelas quais o mundo em que vivem pode vir a ser. Com isso, ele faz aproximar as suas reflexões etnológicas sobre o universo indígena dos escritos filosóficos de Gilles Deleuze, autor declaradamente inspirador dos escritos que compõem essa coletânea. Viveiros de Castro apresenta também sua grande dívida com a obra de Claude Lévi-Strauss e o método estruturalista que dela se originou. Não é possível ler os ensaios de *A inconstância da alma selvagem* sem ter em vista o diálogo estabelecido com livros decisivos para a antropologia, como *As estruturas elementares do parentesco*, *O pensamento selvagem* e as *Mitológicas*. Foi partindo desses textos que Viveiros de Castro elaborou suas reflexões sobre o parentesco, o canibalismo e a corporalidade, temas centrais em sua obra, distribuídos por entre os nove ensaios da coletânea. *A inconstância da alma selvagem* reflete a trajetória intelectual de Viveiros de Castro. Inclui, entre outros, textos baseados nas experiências do autor entre dois

grupos indígenas da Amazônia, os Yawalapíti (grupo de língua aruaque que habita o Parque Indígena do Xingu, visitados em 1976) e os Araweté (grupo de língua tupi-guarani, localizado no sudeste do Pará, visitados em 1981 e 1982). Os Yawalapíti foram tema de sua dissertação de mestrado, e os Araweté, de sua tese de doutorado, ambas defendidas no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ), onde Viveiros de Castro é professor desde 1978.

Mas a coletânea inclui também ensaios comparativos, reunindo materiais de povos de toda a América do Sul. Estes tratam sobretudo de temas clássicos da antropologia, como parentesco e cosmologia – estes, capazes de remeter a uma discussão mais ampla sobre a relação entre natureza e cultura, sempre sob o viés do pensamento e da prática dos povos indígenas estudados que vêm a colocar em risco aceções caras ao Ocidente. Da relação entre natureza e cultura, Viveiros de Castro faz desdobrar outras, igualmente importantes, como a entre universalismo e relativismo, corpo e alma, indivíduo e sociedade.

O primeiro capítulo, "Esboço de cosmologia yawalapíti", é uma revisão dos argumentos contidos na dissertação de mestrado do autor, debruçada sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade em um grupo indígena alto-xinguano. O segundo capítulo, "O problema da afinidade" (originalmente publicado em 1993), contém uma síntese de grande valor, tanto para a etnologia amazônica como para a teoria antropológica em geral, sobre os estudos de parentesco entre povos sul-americanos. As conclusões por ele lançadas são rediscutidas no oitavo capítulo, "Atualização e contra-efetuação do virtual: o processo do parentesco" (originalmente publicado em 2000), desta vez sob o prisma de novas correntes teóricas, sobretudo aquelas lançadas pela filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari e pela antropologia de Roy Wagner e Marilyn Strathern.

O terceiro capítulo, "O mármore e a murta: sobre a inconstância da alma selvagem" (originalmente publicado em 1992), traz uma reflexão sobre os mal-entendidos entre jesuítas e grupos tupinambá no século XVI. É interessante notar como muitos temas colhidos entre esses Tupi da costa quinhentistas podem ser reencontrados na etnografia de grupos tupi amazônicos atuais, como os Araweté, sobre os quais versa o quarto capítulo, "Imanência do inimigo" (originalmente publicado em 1996).

O quinto e sexto capítulos, "O conceito de sociedade em antropologia" (originalmente publicado em 1996) e "Imagens da natureza e da sociedade" (originalmente publicado em 1996), trazem balanços valiosos, respectivamente sobre uma discussão conceitual em antropologia e sobre as diferentes linhas de pesquisa em etnologia indígena desenvolvidas nos últimos quarenta anos.

O sétimo capítulo, "Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena", resulta da compilação de vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais (entre 1996 e 2000), e traz por certo a reflexão mais importante do autor para o campo da antropologia e das ciências humanas atuais. Trata-se, pois, de uma reflexão sobre as bases ontológicas do pensamento ameríndio, o que remete a um diálogo corajoso com a filosofia produzida no Ocidente. Em linhas gerais, o autor procura extrair as conseqüências filosóficas de asserções como "os

índios pensam que os animais são, na verdade, humanos" ou "o corpo animal é de fato um revestimento que esconde uma natureza humana comum a todos os seres". A conclusão do autor reside em apontar um regime multinaturalista que se contrapõe fortemente ao regime multiculturalista hegemônico no Ocidente. Noutras palavras, se, para nós, a natureza é una e invariável (dela derivam leis universais) e a cultura, múltipla e variável, para eles, o que se dá é o inverso. Desse modo, todos os seres – animais, plantas e espíritos – possuem uma mesma cultura, ou espírito, ao passo que o que os diferencia é a sua natureza, seus corpos. E, se não é possível que todos apareçam ao mesmo tempo sob a forma de humanos, isso se dá porque o cosmo é constituído de diferentes pontos de vista ou perspectivas. Dito de outra maneira, humanos e animais percebem-se como diferentes porque ocupam, cada qual, diferentes pontos de vista. Assim, os humanos vêem os animais como animais, mas os animais vêem a si mesmos como humanos e vêem os humanos como animais... Ora, é por meio da atividade dos xamãs que esse esquema pode ser esclarecido: os xamãs possuem a capacidade de ocupar outros pontos de vista, podem ver como os animais vêem e, por isso, compreender que, em sua essência, eles são tão humanos como animais.

O nono capítulo, "Xamanismo e sacrifício", é o único inédito e apresenta corolários da discussão iniciada no sétimo capítulo. Por fim, uma entrevista, originalmente publicada pela revista *Sexta Feira* em novembro de 1999, fecha a coletânea, trazendo mais informações sobre a trajetória do autor, bem como suas opiniões sobre a produção recente em antropologia. Enfim, depois de se aventurar pelos caminhos intrigantes de uma obra, o leitor pode confrontá-la com uma vida, esta não menos inquietante.

[Renato Sztutman, antropólogo, doutorando USP, editora da revista *Sexta Feira*]

**O autor prepara a edição de seu próximo livro, também pela Cosac & Naify, *A desmedida de todas as coisas*, para o final de 2004.**